

RESENHAS

BOSSMANN, Reinaldo. *Singularidades da língua alemã*. S.Paulo: EPU; Curitiba: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1982.

Tem todas as garantias de ser um bom produto o livro coordenado por Reinaldo Bossmann e prefaciado por R. F. Mansur Guérios. A leitura que fiz confirmou a expectativa.

Seria ingênuo pensar que conhecer uma língua consiste apenas em saber o seu vocabulário mais usado e as suas estruturas gramaticais, porque a língua é veículo e reflexo da cultura da comunidade que a emprega e assim, além do seu léxico e do seu código, tem ainda um conjunto de recursos tradicionais de estilo que nos permitem conhecer muito da história e do temperamento do povo que a fala. Saber de fato uma língua é, portanto, estar à vontade dentro dela também para o uso das expressões consagradas, que evidenciam as tendências mais profundas daquele povo.

O livro *Singularidades da língua alemã* nos serve, pois, de introdução à tradição germânica, manifestando costumes populares que desapareceram, fatos históricos que se esqueceram, lugares e construções já soterrados, a par de muita coisa ainda atual e estuante de vida.

Como a língua alemã veicula desde muito cedo também a cultura cristã ocidental, vemos com surpresa muitas semelhanças com expressões consagradas da nossa língua, mas em tudo pode-se notar as particularidades da civilização germânica, sempre ativa e lógica.

O livro é bem organizado, de fácil consulta, e suficientemente exaustivo no trato de cada verbete. Não é um dicionário, dado o próprio objetivo que colima, mas está perto disso se considerarmos que arrola 441 verbetes comentados, além de 355 palavras inseridas nesses comentários. Quase sempre traça não só o significado da expressão, mas também rastreia o seu emprego no tempo, partindo da sua origem, e por vezes do seu introdutor, como é o caso da expressão 'Nach Canossa gehen wir nicht', posta em circulação por Bismarck (1815-1898). Muito importante é também que a cada expressão corresponde um julgamento em termos de posição lingüística (registro, modalidade de língua), extensão lingüística horizontal, extensão lingüística vertical, frequência

lingüística e tendência lingüística. Esse julgamento assume grande importância porque indica ao estudioso e amante do alemão se pode livremente incorporar esta ou aquela expressão sem causar nenhuma estranheza ao falante nativo quando a empregar.

Além do coordenador, colaboraram professores austríacos e brasileiros, estes todos da Universidade Federal do Paraná. A revisão esteve a cargo de Oswaldo Portella, titular da Universidade Federal do Paraná, que merece elogios por seus olhos agudos.

Não é obra que se leia de uma assentada, mas livro de cabeceira para consulta diária de quem deseje aperfeiçoar-se ao máximo no manejo do alemão, ainda que a curiosidade da maioria dos verbetes nos impeça de fechar o livro depois de uma única consulta.

Geraldo Mattos Gomes dos Santos

GOLOBOFF, Gerardo Mario. **Criador de palomas**. Buenos Aires. Bruguera, 1984.

O continente americano, espaço de crueldades, ilusões, magias. Na sua imensidão, algumas ilhas de trégua, de esperanças, interregnos do terror. Nelas, delas, emergem fontes. Matizes, formas, vozes, textos antes sufocados. Vivências do absurdo, do sangrento, renovados na escrita procurando uma compreensão do incompreensível, procurando um desabafo do irremediável: textos depoimentos. Não menos fortes, profundos, cruéis, igualmente refazendo o que foi como se imaginário tivesse sido, os textos de ficção.

Da Argentina é Gerardo Mario Goloboff. Poeta, ensaísta, romancista. **Criador de Palomas** (Criador de pombos) seu romance deste interregno que vive o país. Interregno que se desejaria muito longo e muito eterno para que nele pudessem respirar e crescer os criadores e os pombos. Os pensadores, os trabalhadores, os artistas e a paz e a ternura. Qual é o latino-americano que não deseja a reconstrução de seu país e de sua gente? **Limpei as macegas que tinham crescido no quintal (. . .) Pus várias tábuas no galpão desconjuntado. Curei e reavivei a parreira e passei cal nas paredes.** Assim começa a última página do **Criador de palomas**. Um renascer muito simples, como se fosse natural. Uma fé muito grande e muito boa: **Estendi, tremendo, o braço e a pomba se aproximou da minha mão.** Homem de um continente que precisa se fazer, se construir, viver e que aproveita momentos de luz para consegui-lo. Seja esse homem Gerardo Mario Goloboff, seja esse menino narrador que atravessam distâncias e sofrimentos para acreditar.

Criador de palomas é a história de um aprendizado. Aprendizado do amor, da ternura, da dor e da perda. Pedacos de vida registrados com a aguda precisão de um conhecedor da alma humana. Mas, sobretudo, alma adolescente desfazendo-se em silêncios.

O contar se apóia em fatos acontecidos no passado a um menino de nove, mais tarde de doze anos: uma festa de aniversário, um almoço de domingo, o incêndio na casa de móveis, um banquete de casamento, a chegada ao matadouro para comprar carne, a viagem a French e a Cambaceres para

vender roupas, a visita ao sonhador de Smith. Costumes e gente, algo do país que se define nas sensações, cheiro das acácias, da terra molhada, dos gravetos de vinha no fogo, o gosto amargo do chimarrão, do sal na carne.

Mas, o que realmente importa são os pombos. O prazer profundo de tocá-los, o prazer muito grande de amá-los. Imensas presenças femininas. Clara, Verana, Pampeana, Blanca, Muñeca, Carla, a pequena pomba doente. E, mais do que elas, presença dominante, a morte. O menino encontra uma das pombas morta, jogada no meio de uma poçinha de sangue; outra, com um corte profundo no pescoço, as patinhas cortadas, as asas torcidas, as penas arrancadas. Ainda outra, com uma bala esburacando-lhe o peito. As demais caindo longe. Mortes que acontecem de repente. E, que assim, de repente, são comunicadas ao leitor. Então, o narrador cala. Um silêncio como que originado do pudor ou talvez do acreditar desnecessário falar de uma dor já conhecida, experimentada por aqueles que vivem no continente massacrado e para quem, tampouco fosse necessário explicar essas mortes. Sim, delas existem indícios, marcando o texto existem insinuações. Uns e outros diluídos, porém, na apresentação dos momentos vividos pelo menino. Um viver que é feito de pequenas coisas — brincadeiras, risos, convívios — no qual a violência do extermínio se constitui uma ruptura que, juntamente com o sangue e com o que é definido como esse “torneio desproporcional entre a criatura indefesa e os seus captores” se insere no mundo ficcional depois — e isso nós o sabemos — de ter se constituído um cotidiano para muitos.

Criador de palomas, claros escuros alinhados com a maestria da simplicidade. Ritmo de vida marcado pela morte. Um dizer inocente, um “falar sem que se note”. Como que seda e lã envolvendo o leitor. Que sem o sentir fica ferido para sempre.

Cecilia Zokner

MARCOS, Juan Manuel. Roa Bastos, precursor del post-boom.
México, 1983. 100 p.

Se, via de regra, o escritor é considerado o porta-voz de seus compatriotas, no caso de Augusto Roa Bastos isto se aplica de maneira inquestionável. Sem sombra de dúvidas, ele é, efetivamente, a voz do povo paraguaio. Resgatando os vários silêncios que ao longo dos tempos instalaram-se naquela "ilha cercada de terra" conforme suas próprias palavras, provenientes do isolamento geográfico, do monolingüismo guarani (50% de falantes) — que os restringe a seu âmbito, e o do regime vigente, Roa Bastos, autor de duas obras magistrais, *Filho de Homem* (1960) e *Eu o Supremo* (1974), registra a realidade daquele povo, em seus aspectos mais profundos, buscando-lhe sua essência.

Em *Roa Bastos, precursor del post-boom*, Juan Manuel Marcos apresenta-nos o seu mais ilustre compatriota. A amizade que os une serviu para enriquecer ainda mais o estudo do crítico. Embrenhando-se com entusiasmo e seriedade na obra de *Roa Bastos* elaborou um ensaio, daqui para a frente indispensável para os que queiram conhecer uma das vozes vivas de maior repercussão no panorama da literatura latino-americana.

O livro é composto de três exaustivos estudos sobre as duas obras acompanhados de uma completa bibliografia. Juan Manuel Marcos decodifica o texto e o contexto, analisa a textura, comenta o enunciado e as estruturas profundas, ou melhor, o dito e o não-dito. Ou para usarmos a terminologia da obra, o ditado e o não ditado pois o *Supremo* é o que dita dentro da narrativa, é o ditador.

Traçando um paralelo entre a vida e a obra do escritor, demonstra que a relação entre homem e escritura em *Roa Bastos* forma um todo personalíssimo, onde sua conduta e sua mensagem as elevam a um novo Martí.

Dessa inter-relação surge uma outra, ou seja, a do homem *Roa Bastos* com a História. Ele faz da História a sua ficção. Impossível, na maioria das vezes, saber onde termina uma e começa a outra. Ele vive a História, na história. Em *Eu o Supremo* não é o autor mas o "compilador". Como tal, passa a ser, segundo o crítico, um "Roa Bastos imaginário",

uma personagem a mais da narrativa. Como homem, é a testemunha da História.

São os fatos históricos que vão provocar os questionamentos antropológicos sobre o comportamento coletivo do paraguaio. Em *Filho de Homem*, por exemplo, através de Gaspar surge o mito do Cristo, o símbolo da unidade, a ressurreição, e, à pergunta de como o povo conseguiu sobreviver à matança da guerra da Tríplice Aliança a resposta da vitória do Chaco.

A mensagem de Roa Bastos é alentadora e extrapola a mera realidade paraguaia para ser uma alavanca para todos os povos americanos. O voltar-se para as suas próprias raízes, o respeito às comunidades indígenas, a compreensão de seus mitos, a busca da identidade nacional são bandeiras que levanta o escritor em um anseio de forjar o destino da América.

O ensaísta analisa com profundidade o diálogo de Roa Bastos com a História, o ato de desconstrução do ficcionista frente a realidade registrada pelo historiador, a não aceitação de um discurso cronológico, linear, e a instauração de um discurso mítico que flui e que representa, em outra dimensão, a nossa realidade.

Merecedor do prêmio internacional Plural 1982, de ensaio, no México, esse estudo de Juan Manuel Marcos nos oferece subsídios para a compreensão dos meandros da história paraguaia, apresenta-nos a sua interpretação crítica (interessantíssima) das duas obras e nos oferece sugestões para novas pesquisas. É um irrecusável convite para refazeremos nossas leituras das obras do excepcional escritor.

Leonilda Ambrozio